

Discurso do Sr. Provedor da Santa Casa, Celso Maria de Mello Pupo, na festa de homenagens a Irmãos Beneméritos, em 15 de Agosto de 1959.

A Santa Casa de Misericórdia de Campinas, ~~em~~ homenagem que vai prestar a dedicados Irmãos, quer manifestar este sentir de gratidão que em permanência alimenta e proclama, reconhecida àqueles que lhe trazem o óbulo ou lhe dão o zeloso trabalho pessoal, permitindo a realização da finalidade de socorrer o pobre nas mais angustiosas contingências humanas.

Instituição que vive da generosidade dos que a podem amparar, os bens que recebe ela distribue às classes necessitadas - pedindo para dar, recebendo a esmola para fazer o bem, colhendo o benefício para mitigar a dor, transmutando o trabalho e o esforço dos que a servem e o ouro das bolsas generosas que se lhe abrem, em balsamo, em alívio, em consolo, em esperança, em sorrisos para os que vivem na indigência.

Prestamos homenagem a dois Irmãos Beneméritos já na glória eterna recompensados pela munificência divina; e prestamos homenagens a dois Irmãos Provedores cuja caridade permitiu-nos auferir o bem do seu trabalho diretivo e o brilhar de administração benfazeja.

Na vida gloriosa de Campinas, todo o desenrolar de sua história é um desdobramento de atos generosos, é um repetir de benemerência, é o cristalizar em ação nobilitante o nobre coração da gente desta terra que, por isso, se fez o berço de grandes realizações. Quando o nosso santo fundador Dom Joaquim José Vieira quiz lançar as sementes desta instituição, pôde dispor da arma que era a sua caridade e do escudo que era a bondade campinense.

Permitam-nos um rememorar mais longínquo da nossa gente, quando Campinas se vestia do verde suave dos canaviais; quando ela vivia entre a sua criação de vila e sua instituição de cidade, alcançada pela ação realizadora deste povo que do seu solo nú e pobre fez surgir a primeira matriz, e do minúsculo vilarejo fez o berço de uma grande catedral; quando ela já se encaminhava para o futuro realizador que hoje contemplamos, obra da tradição cristã e do sangue bandeirista, a vivificar as nobres famílias paulistas que acorreram a Campinas, terra nova e fértil, compensadora em abundância do esforço e do trabalho.

Os velhos Camargos deram neste povoamento um grande contingente; e na sua descendência floresceu a caridade não esquecida no fausto e enriquecimento. Foi pelo início do século passado que uma festa de bodas constituiu acontecimento notável na cronica social, com ênfase e elegância, no gosto dos nossos rígidos e pragmáticos avós; ^{era} 16 de junho de 1817; o capitão-mór de Campinas envergava suas vestes de solenidade, encaminhando-se com a esposa ao engenho do amigo que ia casar a filha sob o testemunho da mais alta autoridade civil e militar da vida campinense, João Francisco de Andrade.

A outra testemunha do casamento seria o Major Teodoro Ferraz Leite, senhor do engenho da Lagoa, com sede no sobradão de sua residência, talvez o primeiro sobrado rural de Campinas, homem elegante a se trajar de casaca, calção de setim, colete e luvas de seda e banda militar, ao lado da formosa esposa D. Maria Luísa Teixeira, ^{Nogueira de Camargo} prima da noiva.

E quantos campinenses de pool, como as testemunhas, não estariam também a cavalo ou lotando suas liteiras, em busca do engenho do - Mato Dentro para o casamento da sinhasinha da casa, a moçoila D. Maria ^{Luzia} ~~Luiza~~ de Sousa Aranha, a futura viscondessa de Campinas, casadeira pelos hábitos da época, com sua tez moreno-clara, olhos pretos e muito vivos, nariz perfeito, boca direita e bem rasgada na moldura de lábios de elegantes curvaturas, como nos diz seu retrato de anciã de agradáveis traços e doce semblante ameno de bondade.

Ela era filha de Joaquim Aranha Barreto de Camargo, benemérito da Santa Casa de Misericórdia de Santos, tenente coronel governador - das armas e praça da mesma vila, nomeado pelo príncipe regente, depois Dom Pedro I, e empossado antes da visita deste príncipe à vila litorânea de onde viria para proclamar nossa independência política.

O noivo, primo da noiva, não estava presente pois casou-se por procuração; chamava-se Francisco ^{Egidio} de Sousa Aranha; veio para o engenho do Mato Dentro e aqui se fixou; herdou-o do sogro, cultivou-o com dedicação e zelo merecido por este grande latifúndio; tratou dos canaviais, fabricou assucar e aguardente, aumentou a escravatura, aprestou bois para carros, criou gado e fez uma das primeiras plantações de café de vulto que constituiu um dos cafesais pioneiros de Campinas, ainda existente há uns trinta anos - atrás com suas arvores sem alinhamento.

Este casal foi tronco de numerosa e ilustre família; ele nobre, operoso, dedicado, de notória bondade de coração, ponde transmitir aos filhos suas altas qualidades de caráter e de inteligência. Ela, como o marido, portadora do mais nobre sangue paulista, soube ser mãe carinhosa, a esposa exemplar, a viuva altaneira e senhora de sua casa como as velhas matronas do velho São Paulo, e ^{um} ~~seu~~ exemplo de caridade a mitigar incansável as lágrimas e dores da pobreza de sua terra.

O grande servidor desta Santa Casa por quasi cinquenta anos, ~~que~~ que foi o Dr. Antonio Alvares Lobo, soube testemunhar-nos a grandeza do coração da viscondessa de Campinas, a ^{verdadeira} ~~verdadeira~~ caridosa cuja mão esquerda ignorava o que pela destra era distribuido dos necessitados. Mereceu ela, por muitos atos de benemerência, da generosidade e da justiça do nosso grande Imperador o Senhor Dom Pedro II, os títulos nobiliárquicos que a distinguiram.

Deixou a Viscondessa de Campinas uma ^{homens} ilustre descendência: titulares do Imperio, proeminentes ^{homens} publicos, componentes destacados das rodas intellectuais, muitos deles benfeitores desta nossa Santa Casa. Registramos hoje, entretanto, os nomes de duas de suas filhas: Dona Petronilha Egídio e ^{Don}ona Maria Brandina.

D. Petronilha Egídio de Sousa Aranha casou-se em 7 de Abril de 1849 com Francisco Inácio do Amaral, seu primo irmão, descendente em linha varronil do Sargento-mór Ouvidor Bento do Amaral da Silva, fidalgo dos de mais requintados habitos de São Paulo do fim ^{do} seiscentismo e início do setecentismo. Francisco Inácio, homem de sangue e hábitos apurados, corretissimo no trajar e muito cioso da sua aparência e apresentação, recebeu da sogra uma parte das terras do engenho do Mato Dentro e nela fundou a fazenda Lapa, ~~hoje~~ sede da sociedade Hípica de Campinas. Não tardou para que o proprietário se visse conhecido pelo nome da fazenda e, assim, impellido a acresce-lo como nome de família, passando a assinar ~~Francis~~ Francisco Inácio do Amaral Lapa.

Este casal, com os traços característicos da generosa gente de São Paulo, herdeiros daquelas qualidades de bondade dos corações românticos dos nossos remotos antepassados do velho e glorioso Portugal, ~~foram~~ ^{foram} pais do nosso benemérito irmão Antonio Carlos do ^Amaral Lapa.

Antonio Lapa nasceu na fazenda dos seus pais em Campinas e teve vida rural das famílias fazendeiras; adolescente e com seus irmãos, - viajou para a Europa para aprimorar-se em humanidades e cursar escola de engenharia, em Gand, na Belgica onde demorou vários anos tendo Ramos de Azevedo por colega, retornando, porem, antes de sua diplomação, por motivo de moléstia grave.

Campinas era o seu berço e Campinas foi o seu lar; casa do com sua prima filha de D. Maria Brandina, para formar um par venturoso e abastado, ele na operosidade dos seus afazeres e ela na missão de mãe cuidadora e abnegada, sua existência não foi longa mas seu coração foi grande, - amou sua esposa, extremoseu seus filhos nos quais deixou até hoje a lembrança querida de um pai perfeito.

Pioneiro na agricultura, lançou-se para as zonas novas, desbravou terras, recompoz instalações agrícolas e consolidou seu patrimonio colhendo os frutos do trabalho persistente. No seu elevado espírito ^{publico} ~~da qual~~ dedicou-se ~~se~~ ^{aos interesses da coletividade, na politica da qual} cedo se afastou, na diretoria do Clube Campineiro e no colégio que fundou e dirigio D. Emilia de Paiva Meira. Neste estabelecimento de ensino, especialmente quando tomava ele parte em alguma banca examinadora, era de ver-se o seu interesse pelas jovens alunas participando da angústia daquelas que se aterroravam diante de uma junta examinadora, parecendo desejar ir em socorro da examinanda, aliviar-lhe a aflição e faze-la vencer o difficil passo da vida escolar. Então, mostrava o coração bondoso que possuia, no interesse pela juventude e no desejo de amenisar-lhe os abrolhos do curso.

A Santa Casa de Misericórdia, teve por muitos anos, a - protege-la, o seu zelo e a sua dedicação; eleito para a Mesa Administrativa em 1891, neste encargo conservou-se até a sua morte. Sua passagem pela administração desta casa de caridade, foi marcada por valiosos trabalhos que prestou, sempre como homem de profunda caridade, sempre a confirmar seu nome de homem profundamente bom, como apregoavam os seus intimos, como certificavam seus amigos, como proclamava toda a cidade de Campinas.

Numa das muitas crises que tem afligido a administração da Santa Casa, quando os problemas extravasam de sua tesouraria, envolvendo dos os membros da diretoria, assombram as religiosas e todos aqueles que estimam esta casa da pobreza, destacou-se Antonio Lapa, ao ouvir as angústias da Irmã Justina que temia pelo fechamento desta casa.

Ela não se fechará, disse ele; e chamando para auxiliá-lo os companheiros Vicente Ferrão e Dr. Candido Ferreira, chefio os trabalhos de angariamento de fundos, viajou para São Paulo, apelou para amigos, promoveu festas, pediu, angariou, requisitou fundos e auxílios, com todas as suas forças, com todo o seu prestígio, com toda a sua influência, salvando a Santa Casa de fatal compromisso financeiro, elevado a mais de cento e vinte mil cruzeiros, altíssimo para a época de 1904. A Irmandade o elegeu seu Irmão Benemérito. Em 2 de Setembro de 1907, faleceu Antonio Lapa dois meses antes de completar 48 anos de idade.

Estamos Novamente no Engenho do Mato Dentro, relembrando agora a outra filha da Viscondessa de Campinas, Dona Maria Brandina, a que se casou com o ajudante Alvaro Xavier de Camargo e Silva, filho do capitão-mór agregado Floriano de Camargo Penteado. Este casal teve o seu lar na fazenda que fundou, também em terras que pertenceram a Viscondessa, e que se chamou Mato Dentro de Baixo.

~~Esta~~ aqui o segundo fracionamento do grande engenho, herança do Tenente Coronel Joaquim Aranha de Camargo, transmitida a seu genro ~~Francisco Egidio de Sousa Aranha~~ ^{Alvaro Xavier de Camargo e Silva} ~~Francisco Egidio de Sousa Aranha~~. O Mato Dentro de Baixo que foi o solar dos Alvaros, ramo que se tornou conhecido por este nome, passou ao filho de D. Maria Brandina, Coronel Antonio Alvaro de Sousa Camargo a quem o destino incumbiu de juntar terras desta herança pois, casando-se com sua prima D. Olympia Lapa, pôde reunir num só patrimônio as duas fazendas fundadas por seus paes, o Mato Dentro de Baixo, e pelos seus tios e sogros, a Lapa, que adquiriu dos demais herdeiros.

O Coronel Antonio Alvaro, homem de vasta projeção em Campinas, chefe de grande prestígio que dirigio a política da cidade, realizador de visão e progressista, ocupou dos mais altos cargos públicos ou de entidades sociais, foi vice-presidente na primeira diretoria do Joquei Clube de Campinas na diretoria que fez constituir a sede nova do Clube Campineiro, atual sede do Joquei Clube Campineiro, tomando parte de muitas outras entidades assistenciais e beneficentes.

Foi este o pai do nosso Provedor Lafayette Alvaro de Sousa Camargo, que lhe herdou a energia e o espírito empreendedor, colhendo na hereditariedade materna, o grande coração que foi de sua mãe Dona Olympia Lapa de Sousa Camargo, alma sensível aos menores sofrimentos alheios, ^{espírito} ~~espírito~~

caritativo e zeloso dos filhos, dos parentes, dos desconhecidos, para estar com a sua ajuda, com ^{o seu amoravel} ~~esse amoravel~~ carinho, onde estava o sofredor.

Lafayette Alvaro nasceu em Campinas, seguiu a tradição ruralista; deixou sua terra, as fazendas paternas, para uma graduação nos conhecimentos tradicionais da família na Escola Agrícola de Piracicaba, de onde voltou para a labuta do início de vida, trabalhosa para homem realizador, árdua mesmo para quem, cioso de sua independência, vislumbra na herdade bens que lhe virão.

Como realização notável pode ele contar a obra executada na Usina Ester, a grande indústria que pertenceu a Paulo de Almeida Nogueira, nosso ~~grande~~ saudoso benemérito, quem não deixou de assinalar a ^{significação} ~~significação~~ do trabalho de Lafayette Alvaro. Nesta usina, durante dez anos - pode ele transforma-la, reaparelhando-a para que viesse a ser das melhores entre suas similares, e tivesse recursos indispensáveis para a competição com a indústria moderna e aperfeiçoada no setor assucareiro do Estado de São Paulo.

Depois de consolidar este marco notável do quadro industrial-agrícola de São Paulo, voltou-se para a antiga propriedade dos pais e avós, o Mato Dentro de Baixo, acresceu-a com terras dos avós maternos da Lapa, para um outro empreendimento notável que haveria de transpor as nossas fronteiras no gozo de prestígio de organização modelar entre as ^{que mais se} ~~que mais se~~ se destacam. Na velha fazenda paterna fundou a granja Vila Brandina, de produção esmerada do leite mais puro do mercado.

O Mato Dentro de Baixo, sem deixar as caras reminiscências de tradição, remodelou-se; recebeu tudo o que oferece o conforto moderno; circundou-se de jardins, coloniu-se de flores mas conservou, na união de uma piedosa reverência, a magestática ^{altaneira} ~~altaneira~~ da velha figueira plantada por senhorio dos velhos tempos.

Hoje a Vila Brandina é orgulho de Campinas, antiga sala de visitantes ilustres, modelo da industrialização leiteira com os rigores de ^{de} ~~de~~ higiene moderna.

Do bucolismo de sua vida rural foi o nosso provedor tirado pelo chefe de Estado, Fernando Costa, para prefeito de Campinas. Atravessando regim de exceção, palmilhando as veredas de pós revolução política, na instabilidade do provisório e do efêmero, pode Lafayette Alvaro ^{com} ~~com~~ sua terra natal, destacando-se desde o seu discurso de posse, no qual soube traçar diretrizes administrativas do homem com bagagem de realizações,

do homem seguro das linhas que o norteavam, do homem amadurecido na prática realizadora.

Com estas mesmas qualidades presidio o Joquei Clube Campineiro, em fases difíceis, sempre animado pelo entusiasmo do "turfmann" autêntico, do afeccionado pelo esporte, que o fez diretor eficiente e o proprietário que ainda hoje concorre para o engrandecimento da vida turfística de Campinas.

Foi ^{mesário} ~~mesário~~ desta Santa Casa e seu provedor eleito em março de 1957; traçou desde logo diretrizes seguras de administração, enfrentando os primeiros problemas, sérios, graves, desencorajantes, e os resolveu na segurança de atitude firme. Em seu convívio, um dos ^{seus} traços que mais se realçavam era o carinho para com as crianças da nossa pediatria, às quaes dedicava um afeto paternal, um cuidado e zelo como a se compensar de não ter prole sua que contaria com os desvelos de um pae exemplar.

Si motivos particulares seus ^{privaram-no} ~~privaram-no~~ de sua direção, esta Casa não desmereceu da sua estima e continuou recorrendo a ele, colhendo seus conselhos e refugiando-se no seu carinho de mesário solícito. Seu grande sentimento de caridade levou-o a plantar um marco imorredouro para o seu nome e o da sua Exma. Senhora D. Odila Santos de Souza Camargo, constituindo uma fundação que vai amparar as crianças pobres, a Fundação Odila e Lafayette Alvaro, para que possamos dizer, todos os seus amigos, que se Deus não lhes deu filhos no matrimônio, a caridade de ambos deu-lhes legiões de infantes que bendirão seu carinho.

Para reafirmar ainda que a caridade em Campinas não se faz por pessoas mas por estirpes e de gerações em gerações, vejamos a década de 1914 a 1924 quando a provedoria foi ocupada pelo Coronel Manuel de Moraes. Homem dos mais destacados na vida campinense, na política e no seu núcleo econômico, soube subtrair dos seus afazeres o tempo para cuidar dos pobres, amenizando a materialidade do diretor de empresas com nobre dedicação à assistência hospitalar da indigência.

Do término de sua provedoria, trinta e oito anos contados, surge um novo provedor do mesmo apelido, o seu filho Bento de Sousa Moraes, o que por nove anos dirigiu a Santa Casa com dedicação incansável para deixar marcada sua passagem com realizações que o elevam dignificando o nome paterno.

Sem ordenação cronológica, em um relance, recordamos trabalhos como a fundação da Escola de Enfermagem Madre Maria Teodora, de onde tem saído um corpo preparado para os afazeres especializados do hospital e para o tratamento caridoso tão benéfico e consolador daquele que - faz num leito de enfermo. A distribuição e organização de enfermarias com seus médicos privativos, a fundação do banco de sangue, de completa e custa montagem, o serviço de anestesia com aparelhamento próprio, os serviços de emergência para polio, para desidratação, o estabelecimento de auxílio estadual proporcional aos leitos ocupados pelos tuberculosos, cujo pagamento até hoje se faz regular e mensalmente; a criação do serviço social e realizações de caráter economico como construções de prédios - "Dom Vieira" e - "Diogo Prado", do Super Mercado no imóvel legado pela benemerita D. Maria da Conceição Franco de Andrade; a cessão à Prefeitura do parque fronteiro à avenida Anchieta, salvando-se um notável patrimônio florestal, plantado pelas próprias mãos do nosso glorioso fundador, foi obra do provedor filho do provedor.

Em uma das mais angustiosas situações financeiras da Santa Casa, Bento de Moraes obteve do governo do Estado, então ocupado pelo - Senhor Janio Quadros, um auxílio extraordinário de cinco milhões de cruzeiros, com a promessa de outros cinco milhões, dádiva que solucionou problemas que ainda estariam pendentes sem tal amparo.

Este provedor, foi na sua tripe ~~place~~ provedoria, um dedicado. Nascido em Campinas, encaminhou-se para a agricultura sendo fazendeiro ainda muito moço; filho de provedor, irmão de mesários e diretores, tem nesta Santa Casa o seu genro como médico dedicado aos pobres que socorremos. Ao findar o seu periodo administrativo promoveu a transladação dos restos mortaes de Dom Vieira para a cripta de nossa catedral, com as solenidades e o respeito a que tinha direito o nosso grande fundador.

Senhores, a velha gente de Campinas, no multiplicar de suas gerações, no distribuir seu sangue nobre, ~~continua~~ ^{continua} atraves de tantos anos multiplicando e distribuindo benemerência. Antonio de Camargo Campos, Camargo em linha reta varonil como trineto de Coronel Eomaz Lopes de Camargo, ^{tambem} é ~~nosso~~ homenageado de hoje. Nascido na tradição da nobreza rural, fez-se o batalhador nas trilhas dos antepassados, fazendeiros que percorrenam os ciclos evolutivos da produção, dando a Campinas sua grandeza inicial dos engenhos e canaviais e sua evolução cafelista, para que a cidade se impuzesse

como rica, faustosa, intelectual e caritativa, mostrada no ^{fecho} ~~fecho~~ de sua história.

Desbravador, fez-se fazendeiro de café em Descalvado, fixando-se nesta cidade para ser o seu maior benemérito, consagrado, ao falecer, por uma imposição popular que bem marca uma personalidade que se imortalizou pela bondade do coração.

Como nos relatou o historiador Dr. Teodoro de Sousa - Campos Junior, falecendo Antonio de Camargo Campos, quando já estavam proibidos os enterramentos nos recintos das igrejas, o povo de Descalvado, grato e este nosso benemérito pela ^{sua} imensa caridade, exigiu que seu corpo tivesse sepultura dentro da matriz da cidade, oferecendo-lhe, assim, ao homem - que foi exemplo de bondade, a mais digna e a mais santa das fúnebres moradas.

Seu óbito é de 16 de setembro de 1883 e em seu testamento legou a Santa Casa de Campinas a vultosíssima importância de cem contos de reis, que na época constituia vasto patrimônio.

Sem descendentes, deixou sobrinhos que lhe vem honrando a memória, como Francisco de Campos Andrade Junior, historiador, genealogista, membro do Instituto Histórico de São Paulo; Cândido Serra Netto alma sensível aos eflúvios da arte, e demais irmãos destacados nas obras de benemêrência com vultosas dádivas ao Liceu de Nossa Senhora Auxiliadora, uma das gemas da coroa de glória do nosso grande bispo Dom João Batista Correa Neri. Não nos devemos esquecer do intelectual e cientista Dr. José de Campos Novaes e do grande benfeitor das obras pias da cidade, Estanislau Ferreira de Camargo, seus sobrinhos netos.

A estes quatro beneméritos, como dissemos de início, a Santa Casa não paga o seu tributo de gratidão inaugurando as suas efígies. Ela apenas demonstra, de público, o seu agradecimento, certa de que só do Criador virá a recompensa a todos ^{estes} os continuadores da caridade do nosso humilde mas santo e hoje glorioso fundador, Dom Joaquim José Vieira.

Discursos de ^{inauguração} ~~inauguração~~ e Retiro
na Sala dos Beneméritos, aos
15-VIII-1959.